

# OSÉ ENES EM LIVRO DE MIGUEL REAL. UM FILÓSOFO FALA DE OUTRO FILÓSOFO

NUNO A. VIEIRA

Vieira, N. (2010), José Enes em livro de Miguel Real. Um Filósofo fala de outro filósofo. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 19: 463-474.

**Sumário:** O presente artigo pretende seguir os passos de Miguel Real no intuito de “*dar a conhecer aos leitores a qualidade e originalidade da obra de José Enes, um dos maiores pensadores açorianos e um dos mais importantes filósofos portugueses do século XX.*”

A acção de José Enes, fundador e Reitor da Universidade dos Açores, primeiro secretário das Semanas de Estudo dos Açores e autor do livro que *aponta para a revelação de uma experiência noético-ontológica – À Porta do Ser* – é analisada nas três grandes paixões da sua vida: a Poesia, os Açores e a Filosofia.

Vieira, N. (2010), José Enes in a book by Miguel Real. A Philosopher speaks of another philosopher. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 19: 463-474.

**Summary:** The present article intends to follow the steps of Miguel Real with the purpose “*of informing the readers of the quality and originality of José Enes’s work, one of the greatest Azorean thinkers and one of the most important Portuguese philosophers of the 20th century.*” The activity of José Enes, founder of the University of the Azores, First Secretary of the week-long Conferences for the Study of the Azores, and the author of the book that “*directs one’s attention for the revelation of a noetic-ontological experience – À Porta do Ser* – is analyzed through the three great passions of his life: Poetry, the Azores, and Philosophy.

Nuno A. Vieira – Stonehill College e Massasoit College.

**Palavras-chave:** Ser, essência, existência, humanismo, coordenadas noéticas e metafísicas, beleza ontológica, progresso científico.

**Key-words:** Being, essence, existence, humanism, noetic and metaphysical co-ordinates, ontological beauty, scientific progress.

## INTRODUÇÃO

A rectidão e talento intelectual de Miguel Real acharam ser de justiça dar a conhecer ao público a obra de um homem que, na obscuridade pessoal da sua humildade, passou uma vida inteira investigando e agindo, em

termos simultaneamente concretos e universais, para o progresso e bem-estar comum da sociedade e da humanidade. Em Junho do passado ano de 2009, Miguel Real publicou o livro cujo título capta as três paixões de José Enes – *José Enes-Poesia, Açores e Filosofia*. Jorge Trigo, director da colecção de livros Fonte da Palavra, na qual se integra esta nova publicação, diz que Miguel Real “faz neste livro a justiça de dar a conhecer aos leitores a qualidade e originalidade da obra de José Enes, um dos maiores pensadores açorianos e um dos mais importantes filósofos portugueses do século XX”.<sup>1</sup>

Miguel Real, filósofo, professor e escritor, é apresentado, em palavra de Prefácio de José Eduardo Franco, como “excelente romancista e arguto analista da nossa cultura e mentalidade... sem dúvida, é-lhe merecida a atribuição do cognome de valorizador ou reabilitador da memória dos grandes espíritos, das grandes obras e das grandes correntes...”.<sup>2</sup> Neste livro, Miguel Real, de uma maneira metodológica e pedagógica conduz o leitor no itinerário biográfico, literário e filosófico do Professor Doutor José Enes Pereira Cardoso.

No livro *José Enes-Poesia, Açores e Filosofia*, os filósofos José Enes e Miguel Real emergem como a personificação do conselho de Séneca a Lucílio: Nada merece admiração senão o espírito, cujas marcas o impedem de se impressionar com qualquer outra coisa. Ambos ouviram Epicuro: para se conquistar verdadeira liberdade há que ser escravo da filosofia. (Tradução do inglês feita pelo autor deste artigo).

José Enes nasceu nas Lajes do Pico no ano de 1924. Estudou no Seminário de Angra e formou-se em escolástica tomista na Universidade Gregoriana de Roma (1945-1950 e 1964-1966). Dedicou a sua vida ao ensino, iniciando-o no Seminário de Angra. Mais tarde, foi professor fundador e Reitor do Instituto Universitário dos Açores e subsequentemente da Universidade dos Açores. Em Lisboa, foi professor na Universidade Católica Portuguesa e na Universidade Aberta (1992-1994), de onde se jubilou como vice-reitor. Exerceu funções públicas de relevo e colaborou com várias universidades públicas portuguesas e estrangeiras. Autor de inúmeros artigos para jornais e revistas, publicou sete livros: *A Interpretação da Paisagem de Roberto Mesquita* (1955), *Água do Céu e do Mar* (1960), *A Autonomia da Arte* (1964?-1965?), *À Porta do Ser. Ensaio sobre a Justificação Noé-*

<sup>1</sup> REAL, Miguel, *José Enes. Poesia, Açores e Filosofia*, Fonte da Palavra Ltda., 2009, p. 10.

<sup>2</sup> Ibidem, p.11.

*tica do Juízo de Percepção Externa em S. Tomás de Aquino* (1969), *Estudos e Ensaios* (1982), *Linguagem e Ser* (1983) e *Noeticidade e Ontologia* (1999).

Segundo Miguel Real, as três grandes paixões de José Enes são a Poesia, os Açores e a Filosofia. Diz o mesmo autor que a Poesia, no campo da prática versatória se esgotou em 1960 com a publicação de *Água do Céu e do Mar*, e, no campo da crítica literária e da teoria da arte, em 1964/65, com a publicação de *A Autonomia da Arte*. Nessa altura, José Enes parte para Roma para preparar a sua tese de doutoramento (*À Porta do Ser*) que viria a defender no ano de 1968 com a distinção de *summa cum laude* e medalha de ouro. Miguel Real escreve: “*À Porta do Ser* estatui-se como uma das teses de doutoramento mais importantes do século XX no campo da filosofia, tanto revolucionando a linguagem tomista quanto mantendo-se-lhe fiel, culminando-se assim, em 1969, com a sua publicação, a deriva teórica desta corrente filosófica em Portugal ao longo das décadas de 1950 e 60”<sup>3</sup>

Miguel Real tenta explicar o abandono da prática da poesia, por parte de José Enes, pelo “*rigor analítico absorvente exigidos pela investigação filosófica*”.<sup>4</sup> Continua: “*José Enes não permaneceu poeta, continuou porém poeta, não filosofando poeticamente, mas guardando na sua investigação filosófica o sentido mais originário da poesia (o trabalho sobre a linguagem) que, em parte, lhe comandara a vida entre 1953-1964*”.<sup>5</sup> É curioso que esta hipótese, de algum modo, parece apresentar um certo paralelismo com o argumento, fornecido por Aristóteles a favor da necessidade de filosofar, citado no compêndio de Carolus Boyer, S. I., *Cursus Philosophiae*, usado no Seminário de Angra no tempo de José Enes. Aristóteles escreveu: “*Si philosophandum est, philolophandum est; et si non est phiosophandum, philosophandum est (nempe ad ostendum non esse philosophandum): ergo necessario philosophandum est*”.<sup>6</sup> Em tradução pessoal: Se se deve filosofar, deve-se filosofar; e se não se deve filosofar, deve-se filosofar (certamente para mostrar que não se deve filosofar): portanto deve-se filosofar.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 15.

<sup>6</sup> BOYER, Carolo, S.I., *Cursus Philosophiae*, Desclée De Brouwer, 1954, p. 47.

## POESIA E CRÍTICA LITERÁRIA

A poesia e a crítica literária de José Enes, durante o período de onze anos (1953-1964), não constituíram um compartimento estanque na sua vida. Pelo contrário, foram veículo de entrada no desenvolvimento da sua segunda paixão (açorianidade) através de leituras, associações e convívio com intelectuais. Esta preocupação pela açorianidade está presente no seu primeiro livro da colecção “Cadernos de Pensamento”. De importância, ainda, foi a sua identificação com a Geração da Gávea que no dizer de Miguel Real “se estatuiu como uma das mais emblemáticas designações para a compreensão da história do movimento cultural dos Açores do século XX “com colaboradores como Emanuel Félix, Rogério Silva, Almeida Firmino, Silva Grelo, Artur Goulart e José Enes. O convívio com os poetas Eduíno de Jesus, Silva Grelo e Coelho de Sousa, assim como a análise da poesia de Cortes-Rodrigues, Roberto Mesquita, Ruy Galvão de Carvalho e Vitorino Nemésio veicularam José Enes a uma interpretação cultural de açorianidade através do *contacto e da vivência da história da poesia dos Açores*”.

Miguel Real verifica que José Enes, ao analisar o segundo livro de poemas de Emanuel Félix, revela três características que serão uma constante na sua crítica literária: “1. – *profunda sensibilidade literária de quem não se encontra fora da poesia, mas desta comunga penetrantemente*; 2. – *uma informadíssima terminologia conceptual, tanto no campo da história recente da literatura quanto na prática concreta da crítica literária*; 3. – *a utilização de uma terminologia não raro provinda mais da filosofia do que dos estudos literários*”.<sup>7</sup> O ensaísta continua: “*como se constata, José Enes, enquanto crítico literário, não se limita a analisar a poesia: vive-a, partilha emotivamente o livro com o autor, elevando-a, depois não a mera análise crítica, mas a verdadeira análise filosófica, integrando os poemas em correntes culturais que ultrapassam a literatura...*”.<sup>8</sup> Desde o princípio, José Enes “*procura um novo modo de fazer crítica literária. Está numa fase de tanteamento*”. “*José Enes tenteia e tateia o seu próprio caminho, utilizando palavras e expressões próprias, de evidente cariz filosófico...*”.<sup>9</sup> Mais tarde, a cria-

<sup>7</sup> REAL, Miguel, *José Enes. Poesia, Açores e Filosofia*, Fonte da Palavra Ltda., 2009, p. 17.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 18.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 18.

ção poética será, para José Enes, não uma *“atitude diletante, mas uma função vital, uma tomada de consciência do seu (do poeta) papel no mundo”*.<sup>10</sup> Numa análise do artigo “Duas Tentativas dos Poetas”, publicado em 1957, Miguel Real escreve: *“evidencia-se o selo filosófico característico da sua crítica, e logo o autor estabelece a sua singularidade face ao programa da crítica literária portuguesa de fins da década de cinquenta do passado século”*.<sup>11</sup>

Em 1953, no suplemento cultural católico “Pensamento”, do jornal a

“União”, José Enes culpa a *“reforma pombalina de educação... com um enciclopedismo fragmentário... e inexistência de uma mentalidade humanista”* como a causa do *“pouco contributo dado para a literatura universal pelos portugueses de há três séculos para cá”*. José Enes *“regista que tal facto se deve à inexistência de preocupação pelo homem concreto, encontrado na vivência dos dramas fundamentais de que tece a sua existência”*.<sup>12</sup> O conceito de *“existência”* torna-se fundamental na sua crítica literária e pensamento filosófico.

#### RETORNO AO HUMANISMO

Há, pois, que retornar ao *“humanismo”* e José Enes toma passos concretos na realização deste objectivo: continuam os Cadernos de Pensamento, cria-se o Instituto Açoriano de Cultura e publicação da revista Atlântida e na primeira metade da década de sessenta, por iniciativa e orientação pessoal, estabelece um programa de acção através das Semanas de Estudo dos Açores que viriam a ter um impacto cultural incontestável em várias estruturas da sociedade açoriana.

Em 1954, José Enes afirma *“a existência de uma genuína literatura*

*açoriana”* e regista-lhe características: *“a presença do mar, saudade de longes nunca vistos e melancolia, acompanhados de um cuidado pelos mais humildes”*.<sup>13</sup>

É em 1957 que José Enes explicita a sua orientação filosófica, enquanto faz suas as palavras de Diamantino Martins: *“No fundo, o A. (autor; Diamantino Martins) permanece um tomista, que usando de razão especulativa penetra, com intuição analógica do ser, nas úberes regiões da experiência existencial”*. Continua: *“Assim, como já o havia feito a poesia, a filosofia agora prestará conte-*

<sup>10</sup> Ibidem, p. 19.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 19.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 21.

*údo existencial ao ser” Conclui: “Há sentido concreto, que faz dele o nome que “libertar a palavra Ser do significado mais próximo de Deus”.<sup>14</sup> significado abstracto, para lhe dar um*

#### AS SEMANAS DE ESTUDO DOS AÇORES

As primeiras três Semanas de Estudo dos Açores foram secretariadas por José Enes entre os anos de 1961 e 1964 com o fim de “*reunir especialistas ilhéus e nacionais sobre temas fulcrais dos Açores*”.<sup>15</sup> – Nas palavras do seu secretário: “*mais saber melhor viver*”.<sup>16</sup> No primeiro dia da III Semana dos Açores, José Enes intervém, na qualidade de secretário, lendo um texto – Orientação e Método – que define a visão *apaixonante* da sua açorianidade:

“Vimos fazer um inventário às nossas ideias, aos nossos sentimentos, aos nossos valores, às nossas atitudes, às nossas acções. Para nos sentirmos responsáveis, queremos saber em que medida vivificamos ou matamos a sociedade a que pertencemos (...). Abri as vossas inteligências e os vossos corações. Quebrai as crenças do orgulho, dos preconceitos, dos ressentimentos. Deixai que uma lufada de ar puro entre pelas janelas dos vossos espíritos e vá renovar a atmosfera interior das vossas ideias e dos vossos sentimentos. E, frescos e alegres, assomai a essas janelas para ver os horizontes largos e claros de um novo dia”.<sup>17</sup>

Parafrazeando Miguel Real acerca do pensamento de José Enes, no tocante aos Açores, entre várias ideias, saltam as seguintes: Nos Açores, há uma discrepância entre o progresso científico e o moral. Nos Açores, arquipélago isolado, divorciado do todo mundial, não há mobilidade social de grupo ou de classe. Enquanto na Europa, os sindicatos procuram uma melhoria para os seus representados, nos Açores – onde a concorrência já está eliminada – as empresas procuram assegurar a maior margem possível de lucro através de um sistema de influências. O clero, por seu lado, mantém-se desligado de práticas modernas de apostolado e de novos processos de espiritualidade, limitando-se à administração dos sacramentos com um pietismo onde se salientam as festas dos santos com cortejo e manifestações folclóricas. Conclui José Enes que, nos Açores, existe o “*desconhecimento e uma certa descrença com respeito à técnica e às suas inovações. Daqui a impressão de imobilidade e*

<sup>14</sup> Ibidem, p. 29.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>17</sup> Ibidem, pp. 34-35.

*de impotência consentida perante as perspectivas novas*".<sup>18</sup>

Segundo Miguel Real, esta comunicação feita por José Enes, na última Semana de Estudo dos Açores, "*constitui uma pedrada no charco das habituais participações médias das jornadas*".<sup>19</sup> Ao falar da "Integração do açoriano no mundo actual", José Enes "*disseca a situação económica, social e cultural do profundo atraso em que o açoriano sobrevivia*".<sup>20</sup> Ainda segundo Miguel Real, esta comunicação "*encontra-se, nesta data precisa, em total conflito com a mentalidade política e cultural*

*expressa pelos representantes do Governo nacional do arquipélago*".<sup>21</sup> Onésimo Teotónio de Almeida explica nos seguintes termos, a reacção provocada pela comunicação de José Enes: "*nas condições particulares da sociedade açoriana de meados da década de 1960 e tendo em conta o regime político do Estado Novo, cerceador da liberdade de expressão e da livre manifestação de ideias, a comunicação de José Enes foi mal recebida, levando ao afastamento deste das Semanas de Estudo. José Enes sai dos Açores*".<sup>22</sup>

## O FILÓSOFO

Entre os anos de 1976-2000, José Enes dedica-se à Filosofia, mas não se separa das estruturas políticas e sociais dos Açores. Pelo contrário, o seu interesse pela açorianidade mantém-se, de sobremaneira, vivo, agora, na função de fundador e primeiro reitor da Universidade dos Açores. Filosoficamente, José Enes, que confessa que desde dos dezasseis anos se familiarizara com as grandes escolas e correntes tomistas, propõe-se "*regressar humanisticamente à metafísica... na sua fonte primeva, a*

*grega de Aristóteles, lida pela inspiração de São Tomás de Aquino*".<sup>23</sup> É assim que José Enes chega *À Porta do Ser*, uma obra de meio milhar de páginas, onde segundo Miguel Real "*se descobrem algumas das páginas filosóficas mais originais que se têm escrito sobre o acesso ao Ser, em língua portuguesa... O seu intento é, nas suas palavras (de José Enes) 'acordar', na língua latina e noutra dela derivada (a língua portuguesa), o processo de pensar por que, falando-as, o homem acede ao Ser*'. A reela-

<sup>18</sup> Ibidem, p. 37.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 35.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 35.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 37.

<sup>22</sup> Ibidem, pp. 37-38.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 42.

*boração linguística do português assim empreendida, no ‘recesso às origens’, utiliza uma análise e recriação da fala, como método de acesso (ao Ser)”*.<sup>24</sup>

Diz Miguel Real que *“À Porta do Ser revela, de facto, uma filosofia pessoalíssima, que não possui paralelo na historiografia filosófica portuguesa do século XX”*.<sup>25</sup> José Enes debruça-se sobre a tese tomista da *“distinção real entre a essência e a existência dos entes finitos e contingentes”*<sup>26</sup> e desenvolve os três pontos centrais do seu pensamento filosófico: *“1. o intuito; 2. o sentir como conaturalidade do homem ao mundo; 3. a metáfora como fundamento da linguagem e expressão humana do Ser”*.<sup>27</sup> Segue-se uma explicação sumária destes três pilares da Filosofia enesiana.

1. *O intuito*. *“...o primeiro acto da inteligência pelo só olhar penetra, pelo só ver capta, pelo só mirar percebe, pelo só fitar apreende, pelo só fixar compreende, pelo só guardar retém, fazendo isto intui e intuindo protege [o Ser]”*.<sup>28</sup> Este intuito é aconceitual e desprovido de alocação

verbal, contudo encontra expressão na metáfora.

2. *O sentir*. *“‘O sentir’ estatui-se com o pôr-se do ser em acção de ser-se... no sentido de elemento vivencial ou de participante íntegro e essencial de um processo de ser...isto é, o ser dos seres”*.<sup>29</sup> José Enes discorre filosoficamente: *“Os seres tangem, tocam o pensar, agindo sobre os sentidos; o pensar tange, toca e contacta os seres agindo neles através do sentir. Sentir é um com-agir, um autêntico coagir, onde a coacção recíproca põe frente a frente o ser do homem e o ser dos seres. No virar-se um para o outro, para trás e para diante, de tal reciprocidade, vigora o pró do mútuo proveito. Em virtude dele avançam, promovendo-se juntos na companhia de parceiros que partilham o mesmo pão. Ambas as partes se viram para a mesma direcção constitutiva do todo em movimento: são o universo”*.<sup>30</sup>

3. *A metáfora*. Citando José Enes, Miguel Real explica-a do seguinte modo: *“É pelo intuito que se acede ao ser num movimento que se estatui apenas ‘como um começo da fala’”*.<sup>31</sup> *Falar é fazer ‘marca’ um ‘sinal’ sonoro, que representa as coisas, é apropriar-se do seu ser através de*

<sup>24</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 44.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 44.

<sup>27</sup> Ibidem, pp. 46-47.

<sup>28</sup> Ibidem, p. 48.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 50.

<sup>30</sup> Ibidem, p. 50.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 52.



*um sinal distintivo – eis a metáfora.*” “A metáfora oculta e revela o ser da coisa”<sup>32</sup> esclarece Miguel Real.

Outro ponto importante no pensamento de José Enes é a noeticidade nos três actos noéticos: o intuito, o juízo e a demonstração.

No processo hermenêutico de acesso ao ser, José Enes desenvolve uma linguagem que leva Miguel Real a afirmar: “Apenas por este labor, mereceria José Enes que se publicasse um pequeno dicionário dos novos sentidos que descobriu no léxico da língua portuguesa”.<sup>33</sup>

Ao abordar a relação entre fenomenologia e religião, José Enes escreve: “O que pretende fazer (a fenomenologia) é descobrir a experiência religiosa na sua constituição fundamental através da interpretação das formas por que o comportamento humano se

expressa. O objecto de tal interpretação é constituído por aquelas formas: a linguagem, os ritos, as crenças, e as doutrinas”.<sup>34</sup> Acaba por dizer: “De tudo quanto viemos apurando, a experiência religiosa do homem culto caracteriza-se pela manifestação de Deus como pessoa destinante, que impõe ao homem a coabitação em conformidade com uma ética”.<sup>35</sup>

Ao perguntar-se “O que é a verdade”, José Enes tece as seguintes considerações: “Viver para o homem é sempre conviver. É por isso que a verdade, como via de acesso ao ser, reside na fala que estabelece entre os homens o intercâmbio do ser. Todo o abrir-se uns aos outros dos homens é fala, embora possa não ser palavra”. Continua: “... a verdade é o modo estruturante da convivência humana, revelador do ser na fala”.<sup>36</sup>

## A UTOPIA DO SEBASTIANISMO

Em 1984, vinte e um anos após à comunicação feita à III Semana de Estudo dos Açores (1963), José Enes é convidado a proferir, em Ponta Delgada, a conferência comemorativa dos dez anos da revolução do 25 de Abril de 1974. Certamente pensando no seu comunicado de 1963, José Enes inicia a conferência afirmando

que se celebra a “instauração de uma nova ordem social programaticamente melhor do que a que antes vigorava” permitindo que os Açores tivessem conseguido “com êxito até então não alcançado” uma “forma de governo próprio” que ultrapassa o eufemismo de “ilhas adjacentes”.<sup>37</sup> Em discurso feito em 1987, José

<sup>32</sup> Ibidem, p. 63.

<sup>33</sup> Ibidem, p. 61.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 67.

<sup>35</sup> Ibidem, p. 73.

<sup>36</sup> Ibidem, p. 74.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 79.

Enes faz uma interpretação pessoal da história político-social de Portugal à volta do mito de D. Sebastião. Diz Miguel Real: *“O autor considera que na fonte da soberania do Estado tem prevalecido um discurso messiânico que singulariza a nação e o diferencia dos restantes Estados”*.<sup>38</sup> *Face às “sucessivas crises nacionais” Portugal teria “de projectar em alguém, que simbolizasse as melhores virtualidades da grei, as ideias de predestinação e de redentorismo, que poderiam propiciar a política de viragem, indispensável à consagração do país”*.<sup>39</sup> É assim que surge uma sociedade Sebastianista consubstanciada pelos seguintes factores:

1. *A espontaneidade psíquica do orgulho nacional ameaçado.*
2. *O sentimento de um “projecto de engrandecimento da personalidade colectiva” face à possível perda de independência devido à sucessão dinástica privilegiar o rei Felipe II de Espanha caso D. Sebastião não tivesse nascido.*
3. *A angústia da “apercepção avaliadora do empreendimento [a permanência da soberania portuguesa]” e da capacidade de recursos para o avaliar.*

4. *O discurso de “legitimação ideológica da soberania para encontrar no sobrenatural o suplemento de energia e meios”.*

5. *A projecção da figura do rei “desejado” da devoção e da fidelidade à vontade de Deus expressa no “projecto histórico” messiânico de Portugal.*

6. *O acatamento da decisão de D. Sebastião de partir para África.* José Enes explica: *“Com o desaparecimento deste em Alcácer Quibir, a burguesia, a nobreza e o clero ‘ajeitaram-se às conveniências da união dinástica, entre Portugal e Espanha, apenas o ‘povo permaneceu firme no seu nacionalismo e foi a partir dele que se elaborou o mito do regresso de D. Sebastião para libertar Portugal da dominação espanhola’”*.<sup>40</sup>

A figura mítica de D. Sebastião deu, assim, origem à *“projecção de uma transcendência redentora da História, elevando o povo português a povo eleito de Deus”*<sup>41</sup> ao mesmo tempo que se crivava *“a consciência interna de uma forte subalternidade face ao exterior”*.<sup>42</sup>

O anticlericalismo dos dirigentes políticos da I República – que tinham em mente por fim à religião – pro-

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 80.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 81.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 81.

<sup>41</sup> *Ibidem*, pp. 81-82.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 82.

vocou uma reacção clerical de natureza messiânica por parte da Igreja Católica em Portugal. É assim que as “aparições de Fátima” lançam Portugal numa “nova missão mundial” de natureza religiosa com a alusão à conversão da Rússia, o segredo de Fátima e peregrinações nacionais e internacionais de grande projecção. Segundo José Enes, a “*guerra do Ultramar*” que “*se desenvolveu durante treze anos como um longo Alcácer Quibir*” e a “*utopia marxista da vitória da classe operária*” adoptada pelo novo Estado a seguir ao 25 de 1974 são outros dois modelos de uma

“*decisão sebastianista*”. O pensador prossegue: É assim que uma vez mais o povo português continua “*divorciado dos discursos ideológicos de fundamentação do Estado*”. José Enes tenta provar que no contexto histórico o sebastianismo foi o “*refinamento do esquema accional de como em Portugal os agentes políticos determinam o acontecer do curso da história*”.<sup>43</sup> “*Para ultrapassar o sebastianismo, José Enes propõe para a completa modernização de Portugal, o racionalismo da eficiência técnica e científica*”.<sup>44</sup>

## CONCLUSÃO

Ao terminar a leitura do livro de Miguel Real “José Enes – Poesia, Açores e Filosofia”, o leitor sente a satisfação própria do aluno que aprendeu a lição, ou, pelo menos, uma boa parte dela e nutre sentimentos de gratidão para com o seu professor. É com clareza e proficiência que o ensaísta-filósofo situa José Enes no contexto cultural da sua época e subsequentemente investiga, dissecar, analisa e ordena o seu pensamento literário-filosófico. Miguel Real cumpriu magistralmente a missão de dar a conhecer a obra e a acção de José Enes em prol do desenvolvi-

mento dos Açores. Miguel Real apresenta José Enes como o filósofo em busca das últimas causas das coisas e aí José Enes surge como o grande pensador português do século XX. Mas também fica esboçado o retrato da outra faceta do interventor na vida cívica, social e cultural da sua terra, os Açores.

Fiz duas leituras do livro. A primeira, para saborear a linguagem do meu antigo professor. Sentei-me outra vez nas suas aulas de Literatura Portuguesa, Psicologia e Filosofia, nas aulas números 3, 5 e 6 (1959-1961), e voltei a ouvir a sua voz sábia, medida e

<sup>43</sup> Ibidem, p. 84.

<sup>44</sup> Ibidem, p. 84.

melódica. O meu professor era conhecido pelos seus alunos pela grande profundidade do seu pensamento. Tudo deveria passar pelo crivo da razão crítica. O livro de texto, adoptado no curso, não bastava. Entrava sempre na aula com um braçado de livros abarrotados de folhas soltas de apontamentos e a serem concertados e segurados pela outra mão livre. Na leitura deste livro, voltei a ajudar o meu antigo professor a corrigir as provas da sua célebre tese *À Porta do Ser*. O Dr. José Enes, em realidade, foi o professor e a pessoa que me acompanhou, como mentor, durante

quarenta e poucos anos, na minha carreira de professor do ensino secundário e superior.

José Enes, o intelectual que soube aliar o pensamento à acção, apelou pelo uso da razão nos seguintes termos: “*o grande perigo do homem está em ele não aplicar a sua actividade conhectiva a todos os sectores da sua vida, em não raciocinar por completo a sua existência*”.<sup>45</sup> Tinha razão Jorge Trigo, director da Colecção “Fonte de Palavra”, ao definir José Enes em quatro palavras: “*Um Homem do Saber*”.<sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 27.

---

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 9.